

Humor e Conflito: Enquadramentos Polêmicos da Religião no *Tá no Ar: A TV na TV*¹

Gáudio Luiz Freddi BASSOLI²

1. INTRODUÇÃO

O programa *Tá no Ar: A TV na TV*, dirigido e estrelado por Marcelo Adnet e Marcius Melhem, é tido como produzido a partir de “um humor menos tradicional e fadado às piadas óbvias e preconceituosas” (BRIGLIA, 2015). A primeira temporada – com 9 episódios - foi ao ar em 2014 e a segunda – com 10 episódios - em 2015. Cada episódio tinha de 20 a 30 minutos. Como o nome da atração sugere, o principal recurso do programa é fazer paródias de produtos da própria televisão. Entre os quadros polêmicos, dois relacionados à religião causaram reverberações na internet. O primeiro foi *Crentes*³, paródia da série *Friends*. O quadro é dividido em duas partes: a primeira é uma cena com um personagem não identificado (Marcius Melhem) e as personagens Raquel (Renata Gaspar), Felícia (Luana Martau) e Jonas (Maurício Rizzo). A cena é a seguinte:

Melhem*: Raquel, e Jonas, onde está?

Raquel: Já está vindo, disse que está acabando de se arrumar.

Melhem*: Só espero que ele termine antes de Jesus voltar.

(Risos)

Melhem*: Felícia, onde estão Caleb e Rebeca?

Felícia: Ah, já estão lá. Eles passaram a noite em vigília na igreja.

Raquel: Esses sabem como aproveitar a noite.

(Melhem* faz uma expressão de quem acaba de receber uma indireta, enquanto a claque fala “uh!” reiterando a ideia)

Melhem*: Jonas, meu pai, Jonas não chega, vamos nos atrasar.

(Toca a campainha)

Todos: Aleluia!

(Raquel abre a porta, Jonas entra vestindo uniforme, ao som de aplausos da claque)

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: gaudioluizfb@hotmail.com.

³ *Tá no Ar: a TV na TV apresenta novo seriado: Crentes*. Disponível em <http://globoTV.globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/ta-no-ar-a-tv-na-tv-apresenta-novo-seriado-crentes/3364906/>. Acesso em: 01 de Julho de 2015.

* Optamos por usar o nome do ator, já que o personagem não é identificado.

Jonas: Desculpa o atraso gente.
Melhem*: Jonas, que roupa é essa?
Jonas: Ei, é meu uniforme! A gente não ia pra escola dominical?
Melhem*: Por que, Pai? Por quê?

Em seguida, os quatro personagens da primeira cena; além de (provavelmente os citados) Caleb (Marcelo Adnet) e Rebeca (Verônica Debom); aparecem dançando exageradamente, simulando o recolhimento do dízimo, o batismo, entre outros ritos, no clipe de abertura. Parodiando a música da série original, tem-se uma nova letra:

Só o Senhor que sabe o quanto eu orei/
E pela fé eu pude chegar onde cheguei.
O Evangelho sempre eu vou seguir/
E assim a seta do mal jamais vai me possuir.
Pago o dízimo, 10% para o pastor!
Pago o dízimo, 10% para o pastor!
Pago o dízimo, 10% para o pastor!

O segundo, *Galinha Convertidinha*⁴, parodiou as propagandas do CD de canções infantis *Galinha Pintadinha*. *Galinha Convertidinha* foi sequência de outro quadro que havia se repetido durante a primeira temporada, fazendo referência às religiões de matriz africana, a *Galinha Preta Pintadinha*. Um locutor aparece anunciando o CD – sendo suas falas intercaladas com paródias de músicas infantis –, enquanto crianças no sofá assistem à TV.

A Galinha Preta Pintadinha ganhou uma irmãzinha. Chegou a Galinha Convertidinha. E ela vem crente que tá abafando! Com os melhores louvores infantis, ela vai trazer a palavra até a sua casa. (Música 1) Ela tem uma missão, vai cantar bem alto no seu ouvido com Jesus no coração. (Crianças pedem: “compra mãe! Em nome de Jesus!”) E ela nunca está sozinha! Ela tem os seus amiguinhos: o cãozinho pastor e a ovelhinha de Jesus. (Música 2) Ela conheceu a verdade e a verdade a libertou! Louve com essa turminha do barulho! (Música 3). O DVD da Galinha Convertidinha é vendido separadamente da Galinha Preta Pintadinha, porque elas são da mesma família, mas não se bicam. (Crianças pedem por favor para a mãe comprar o DVD, ela responde “tá bom, mamãe compra pra vocês” e todos dizem “aleluia!”). Galinha convertidinha é mais um lançamento da Salmo Livre.

Música 1: paródia de *Marcha Soldado*
Joelho dobrado, mantenha-se fiel,/

⁴ *Tá no Ar - Galinha Preta Pintadinha encontrou Jesus?*. Disponível em <http://globoTV.globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/ta-no-ar-galinha-preta-pintadinha-encontrou-jesus/3979676/>. Acesso em: 01 de Julho de 2015.

Se não orar direito, não vai entrar no céu.
Ir pra o inferno é fogo, a verdade é universal,
Cuidado com a hora do juízo final.

Música 2: paródia de *Alecrim Dourado*
Joaquim tava incorporado,
Recebeu um santo,
Credo, tá amarrado!/
Foi o meu pastor, que disse assim:
Fora desse corpo, seu exú mirim.

Música 3: paródia de *Pintinho Amarelinho*
Meu pastor é animadinho/
Canta e dança de montão, de montão!
Quando quer mais dinheirinho
Compra um horário na televisão./
Ele fala alto, ele dá pulinho,
Ele gosta mesmo é de conversão.

Entendemos que a comunicação não deve ser vista como um processo transmissivo (emissor > meio > receptor) e sim relacional (sujeito – texto – sujeito). “Nossa perspectiva relacional supõe uma determinada concepção de sujeito – que são os sujeitos em relação. Somos sujeitos frente àquele que nos interpela, e o que nos interpela é o Outro (um outro sujeito, ou o social)” (FRANÇA, 2012, p. 40). Inscritos nessa perspectiva, para analisar a reverberação dos quadros apresentados acima, construiremos um breve histórico de usos do conceito de enquadramento. Num segundo momento, discutiremos o que entendemos por humor e por conflito. Posteriormente, olharemos para duas notícias que tratam das controvérsias, buscando decifrar os enquadramentos em jogo, o porquê e como eles geram insatisfação e concluiremos buscando entender a singularidade do conflito com os evangélicos, bem como o modo como ele se inscreve no debate em torno do “limite do humor” e da “liberdade de expressão”.

2. ENQUADRAMENTO

O conceito de enquadramento é o operador analítico fundamental deste trabalho. É ele que permite nos inscrevermos numa perspectiva relacional da comunicação. Buscando aprofundamento da discussão em torno dele, voltaremos à sua origem a partir de

Gregory Bateson e veremos o desenvolvimento em Erving Goffman e nas utilizações atuais, a partir das reflexões de Mendonça e Simões (2012).

2.1 A Origem em Bateson

No texto *Uma Teoria Sobre Brincadeira e Fantasia* (2002), Bateson parte da premissa que a comunicação verbal humana opera em muitos níveis de abstração. Ele destaca dois níveis: 1) o metalinguístico, em que mensagens implícitas ou explícitas tem como assunto a linguagem; 2) o metacomunicativo, cujo assunto do discurso é a relação entre os falantes (p. 87). Procurando desenvolver a ideia de metacomunicação, ele argumenta que um estágio importante na evolução humana deve ter ocorrido quando se deixou de responder às mensagens, aos indícios de humor do outro de maneira “automática” e passou-se a reconhecer um indício como um sinal. Procurando confirmar a hipótese por meio de observações do comportamento animal, ele percebe que os macacos brincavam de brigar e que o sucesso daquela interação dependia dela ser entendida como um “não-combate”, e, portanto, das ações dos organismos trocarem a mensagem “Isto é brincadeira”. “Isto é brincadeira” equivale a “Estas ações nas quais estamos presentemente engajados não denotam o que aquelas ações que elas representam denotariam” (p. 87-89). Fazendo uma analogia com o exemplo, o combate seria o território e a brincadeira, o mapa. Há situações mais complexas, em que não está clara a distinção entre a ação denotativa e aquilo que deve ser denotado e, por exemplo, a interação acontece a partir da premissa “Será isto brincadeira?” (p. 90-92).

O pesquisador encara as duas peculiaridades da brincadeira: a) as mensagens ou sinais trocados durante ela são de algum modo não-verdadeiras ou não-intencionados, b) aquilo que é denotado por esses sinais é não existente. Isto introduz a ideia de enquadre, pois é a partir do enquadre que se faz a diferenciação mapa-território. “Durante uma ‘brincadeira’, deve[-se] ser frequentemente lembrado de que ‘Isto é uma brincadeira’” (p. 95), ou seja, o enquadre deve ser constantemente retomado. O autor apresenta seis funções do “enquadre psicológico” (nos termos dele): a) é exclusivo, ao incluir certas mensagens outras são excluídas, b) é inclusivo, ao excluir certas mensagens outras são incluídas, c) é relacionado a um sistema de premissas, d) é metacomunicativo, e)

reversamente ao ponto anterior, toda mensagem metacomunicativa constitui ou define um enquadre psicológico, f) é relacionado à *gestalt* perceptual (p. 98-99).

Bateson, portanto, apresenta três tipos de mensagens reconhecidas no comportamento animal: a) mensagens de indício de humor, b) mensagens que simulam indícios de humor (brincadeira, ameaça, comportamento histriônico, etc), c) mensagens que permitem ao receptor diferenciar entre indícios de humor e aqueles indícios que se assemelham a eles (mensagem “Isto é brincadeira”) (p. 101). Em suma, seriam as mensagens do terceiro tipo que constituem um enquadre, que são metacomunicativas.

2.2 O conceito em Goffman e os usos contemporâneos

Erving Goffman retoma Bateson e desenvolve o conceito de enquadre. No livro *Os quadros da experiência social* (2012), o sociólogo considera que o enquadramento é o que permite a “definição de situação”, ou seja, que os envolvidos na situação avaliem “corretamente o que a situação deveria ser pra eles e então agir de acordo” (p. 23). Goffman frisa que sua perspectiva é situacional, pressupõe que os indivíduos ao se interessarem por qualquer situação social se confrontam com a pergunta: “O que está acontecendo aqui?” (p. 30) Essa pergunta carrega uma série de questões importantes: 1) Os papéis diferenciados de sujeitos podem resultar – e frequentemente resultam - em diferentes respostas (p. 31). 2) Na maioria das situações, muitas coisas diferentes estão acontecendo simultaneamente. O que está acontecendo “aqui”, na situação “atual”, é enviesado, assim como o espaço que configura o “aqui” e o tempo que delimita o “atual” é variável de um participante para outro. 3) “O papel de um indivíduo numa atividade pode proporcionar-lhe um juízo valorativo distinto” (p.32) – por exemplo, numa festa em que um participante recebe muita atenção e outro pouca, o mesmo motivo pode tornar a festa agradável para o primeiro e chata para o segundo. O autor faz um amplo uso do termo “quadro”⁵, que para ele – a partir de Bateson – significa “princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; [...] organização da experiência” (p. 34).

⁵ Para não se confundir o conceito “quadro” com os quadros do *Tá no Ar* analisados – *Crents e Galinha Convertidinha* – optamos por, na análise posterior, apenas falar em “enquadre” ou “enquadramento”.

No artigo *Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito*, Mendonça e Simões (2012) apresentam algumas operacionalizações possíveis, sendo que algumas têm sido voltadas para a análise midiática, embora a ideia tenha sido desenvolvida pensando-se na interação face a face. São destacadas três: 1) Análise da Situação Interativa, que enfoca e analisa a situação comunicativa buscando pensar a maneira como mensagens metacomunicativas participam de sua definição; 2) Análise do Conteúdo Discursivo, que adota o enquadramento explorando as molduras e as saliências produzidas por enunciados; 3) Análise de Efeito Estratégico, dedicada ao estudo de *frame effects* produzidos pela adoção estratégica de discursos (p. 191). Goffman faria parte da primeira, em especial ao se interessar particularmente por

“pequenas ações ordinárias que deslocam os quadros ou evidenciam sua fragilidade. Quando disparamos a rir em uma situação formal ou começamos a brigar de fato em uma ‘brincadeira de mão’, estaríamos promovendo essas mudanças de quadro por meio de nossos próprios posicionamentos.” (Ibidem)

No Brasil, a professora Vera França é referência nessa perspectiva, tendo liderado estudos do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade) da UFMG. Ela argumenta que os quadros de sentido ou *frames* “identificam, organizam e dão inteligibilidade às interações vividas; eles situam uma ocorrência vivida dentro de um dado contexto normativo, permitindo aos atores identificar a situação, adequar suas expectativas e orientar sua ação” (FRANÇA, 2009, p. 14 IN MENDONÇA, SIMÕES; 2012, p. 192). Assim, “o enquadre se aproxima da ideia de contexto [...] [e] quadros são vistos como as molduras que permitem identificar a situação interativa, bem como o envolvimento dos atores ali. [...] Eles revelam valores e traços que constituem [...] uma sociedade” (MENDONÇA, SIMÕES; 2012, p. 193).

É nesta perspectiva que propomos olhar para os enquadramentos a partir de reverberações dos quadros do Tá no Ar. Antes, porém, é necessário situar dois conceitos importantes: humor e conflito.

3. HUMOR E CONFLITO

Recorremos às dissertações do GRIS *A TV em pânico: O enquadramento das celebridades pelo Pânico na TV*, de Leonardo Pereira (2009) para pensar o humor –

além de uma análise de gênero – e *Vivendo no front: discursos acionados por sujeitos na fronteira entre perspectivas LGBTs e evangélicas*, em que Vanrochris Vieira (2015) faz uma leitura de outro conceito importante para nós a partir da obra de George Simmel: conflito.

3.1. Humor

O humor, o causar o riso, aparece para nós como uma evolução da “brincadeira” que pesquisou Bateson. Para entendê-lo, existe “a necessidade de situar contextualmente o riso e de dissecar suas formas em suas manifestações concretas” (PEREIRA, 2009, p. 69). Por isso, olhando para a televisão, é possível perceber o humor como um gênero.

“No sentido em que estamos trabalhando, um gênero não é algo que ocorra no texto, mas sim pelo texto, pois é menos questão de estrutura e combinatórias do que de competência [...] A consideração dos gêneros como fato puramente ‘literário’ – não cultural – e, por outro lado, sua redução a receita de fabricação ou etiqueta de classificação nos têm impedido de compreender sua verdadeira função e sua pertinência metodológica: chave para análise dos textos massivos e, em especial, dos televisivos.” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 314, grifo do autor).

O gênero, a unidade mínima do conteúdo da comunicação midiática, é capaz de articular o público e os produtores (GOMES, 2011, p. 122), é uma estratégia de comunicação (GOMES, 2011, p. 123) e, porque não dizer, é um enquadramento. O gênero humor então é aquele cujo objetivo é causar o riso do telespectador.

O humor comumente utiliza três estratégias discursivas: ironia, paródia e sátira (HUTCHEON 1985;2000 IN PEREIRA, 2009). Destacamos a paródia e sátira, já que ambos os quadros que originam a controvérsia analisada neste artigo são paródias (da série *Friends* e da propaganda das músicas da *Galinha Pintadinha*) e sátiras (dos evangélicos). A paródia seria, muito sinteticamente, a repetição com diferença. Ela não deveria ser confundida, como no senso comum e nas definições de dicionário, com intertextualidade, plágio ou pastiche. “A distinção fundamental em relação a estas outras formas de referência de um texto a outro é a diferenciação crítica que a paródia estabelece entre si e o texto parodiado” (PEREIRA, 2009, p.75), diferenciação crítica que não necessariamente valoriza o original de forma negativa, pode mesmo ser uma homenagem ao texto original. Por último, sátira “faz referência mais direta a valores

sociais e morais compartilhados” (Ibidem, p. 76). A paródia e a sátira implicariam um distanciamento crítico e irônico, mas se diferenciaram pelo fato de a paródia julgar por propósitos estéticos e a sátira por propósitos éticos.

3.2. Conflito

George Simmel distingue entre conteúdo e formas da vida social. O conteúdo seria todos os impulsos que levam os indivíduos a se relacionarem uns com os outros – gregários, eróticos, alimentares e religiosos. Os conteúdos não são sociais, e sim as formas para as quais os indivíduos se agrupam no processo que o autor chama de sociação. O conflito é uma forma de sociação que se constitui como “uma das mais vividas interações” (SIMMEL, 1983a, p. 122 IN VIEIRA, 2015, p. 115) e a sociedade é “o estar com um outro, para um outro, [ou] contra um outro” (SIMMEL, 1983c, p. 168 IN VIEIRA, 2015, p. 115). Ao invés de degenerar os vínculos sociais, o conflito gera vínculos entre partes com interesses que se tensionam ou se contrastam, podendo 1) auxiliar na geração de coesão, pois pode ser a “única relação possível entre as partes de um grupo que apresentam interesses distintos e que, de outra forma, não teriam como colocar em comum tal situação de incompatibilidades” (VIEIRA, 2015, p. 116); 2) fortalecer “o compartilhamento de interesses entre os integrantes de grupos que se encontram em oposição, porque faz com que um grupo nessa situação perante a outro precise se organizar, concentrar suas forças e energias numa mesma direção, unir-se contra um adversário comum” (Ibidem), sendo que “esse processo é vantajoso [...] também para o seu rival, pois permite para ele uma definição mais clara de seu adversário, facilitando dessa forma a relação contra ele” (Ibidem).

Portanto, na visão de Simmel, o conflito não degenera os vínculos sociais nem é disruptivo; ele é justamente uma resposta aos fatores de dissociação, gera vínculos entre partes com interesses que se tensionam ou se contrastam. Isso é importante porque, mesmo dentro de um grupo, não é possível ficar completamente unido em torno de interesses comuns a todo tempo. A impossibilidade dos vínculos sociais não é causada pelo conflito, mas pela indiferença. Entretanto, o conflito é bivalente, pois ao mesmo tempo em que pode suscitar respostas para as divergências de interesse, a solução

gerada pode ser justamente a “aniquilação de uma das partes conflitantes”: “uma condição de conflito [...] aproxima os membros tão estreitamente e os sujeita a um impulso tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente” (SIMMEL, 1983b, p.154 IN VIEIRA, 2015, p. 118).

4. REVERBERAÇÕES DOS QUADROS DO *TÁ NO AR*

Finalmente, podemos analisar as reverberações dos quadros que compuseram nossa introdução. Esclarecemos que fizemos o movimento de pesquisa na ordem contrário do artigo, ou seja, chegamos aos quadros polêmicos pelos textos analisadas aqui⁶. A primeira matéria analisada, *Evangélicos se irritam com paródia de “Friends” no programa “Tá no Ar”, de Marcelo Adnet*⁷ do site Veja São Paulo, sentencia:

“Um quadro do programa *Tá no Ar*: a TV na TV desta quinta (22) provocou falatório na internet. Previsível: os humoristas Marcelo Adnet e Marcius Melhem, que lideram a equipe da atração da TV Globo, resolveram mexer em um tema delicado – o comportamento dos evangélicos. Resultado? Um dilúvio de críticas nas redes sociais.

A brincadeira, que encerrou o programa, mostrou uma sátira da série americana *Friends*, que passou a se chamar *Crentes*. Anunciada antes da atração entrar no ar, no intervalo do programa *A 2ª Dama*, a sátira provocou o efeito desejado: polêmica imediata. O refrão ‘I’ll be there for you/when the rain starts to pour’ virou ‘Pago o dízimo/10% para o pastor’.

Não é a primeira vez que o programa faz piadas com temas religiosos. Cenas musicais com Jesus Cristo, uma mesa redonda esportiva formada por integrantes da Santa Ceia e um DVD infantil de candomblé chamado *Galinha Preta Pintadinha* já provocaram o público. Na edição de quinta (23), um quadro mostrava um plano de saúde especial para espíritas, por exemplo. Mas a sátira sobre evangélicos acabou rendendo a maior repercussão na web até aqui.”

A matéria propõe: “Confira algumas reações”. São apresentadas quatro postagens no twitter da audiência do *Tá no Ar*. 1) “programinha forçado esse... #TaNoAr zoar dos crentes é bom, só tente lembrar disso, quando forem pedir oração a eles!”. 2) “é patético ver esses comediantes tirando sarro de crentes para conseguir audiência. E sempre tem uns idiotas para achar graça”. 3) “Esse povo q fica zoando os crentes, inclusive os do

⁶ Escolhi as duas notícias entre aquelas que aparecem na primeira página dos resultados de uma busca no site Google. A palavra chave de busca foi “ta no ar a tv na tv polemica”. Acesso em: 03 de Julho de 2015. Antes, cheguei a esse tema vendo repercussões do quadro *Crients* no meu Facebook pessoal.

⁷ Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2014/05/23/evangelicos-se-irritam-com-parodia-friends-crentes-marcelo-adnet/> Acesso em: 03 de Julho de 2015.

#tanoar , fiquem sabendo vcs vão tudo pro inferno !”. 4) “Ridículo essa serie Crentes do #TaNoAr depois vem fala de preconceito essa globo é uma bosta mesmo !!!”. Antes do último post, “Já vamos ver amanhã no facebook, os crentes falando do deboche de Crents... kkkk #TaNoAr”, a reportagem destaca “Nem todos, no entanto, reclamaram da piada. Houve quem embarcasse na brincadeira e criticasse a ‘hipocrisia’ de quem fez as críticas. Polêmica do dia?”⁸.

Aqui podemos tentar seguir a proposta de Goffman (2012): “tentar isolar alguns dos esquemas fundamentais de compreensão disponíveis em nossa sociedade, a fim de compreender os acontecimentos e analisar as vulnerabilidades especiais a que estão sujeitos estes quadros de referência” (p.33). Nesse sentido, a notícia pode ser vista como um arranjo de uma série de enquadres. Em primeiro lugar, o enquadre do próprio *Crents*, cujo link do quadro a matéria oferece. Sendo *Crents* uma paródia de um programa do gênero humor, ela a princípio carrega a mensagem “Isto é Brincadeira”. Um segundo enquadre é o que o texto da notícia dá ao *Tá no Ar*, e aqui a definição de situação é rearranjada. A intenção dos produtores é interpretada ao se dizer que “a sátira provocou o efeito desejado: polêmica imediata”. A mensagem “Isto é brincadeira”, portanto, se transforma em “será isto brincadeira?”, pois se havia a predisposição de causar polêmica, não fica claro se “ações nas quais os sujeitos estão engajados não denotam o que aquelas ações que elas representam denotariam”. Ou seja, se o *Tá no Ar* queria causar polêmica, *Crents* não foi feito para no mínimo incomodar evangélicos? A brincadeira não tem “um fundo de verdade”, como diz o ditado popular? O humor não ofende, especialmente quando é premeditadamente pensado para isso?

Um terceiro enquadre é das reações de insatisfação via twitter. Nelas, podemos observar várias das características do conflito segundo Simmel. Notamos que os evangélicos descontentes, querendo ou não, acabam por se “organizar, concentrar suas forças e energias numa mesma direção, unir-se contra um adversário comum” através da rede social. Percebemos aqui como o enquadre “brincadeira” ou “humor” do *Tá no Ar* não é o suficiente para evitar divergências, o jogo realmente parece ter como premissa a

⁸ A notícia encerra com um apelo “Dê sua opinião: o programa foi longe demais ou o público deveria encarar a brincadeira de uma forma mais leve? Deixe seu comentário e aproveite para curtir nossa fanpage no Facebook”. O apelo é atendido: a notícia tem 168 comentários.

pergunta “será isto brincadeira?”. Um dos comentários inclusive demonstra o desejo de aniquilação de uma parte dos conflitos: “fiquem sabendo vcs vão tudo pro inferno !”.

O quarto enquadre é o do comentário favorável ao quadro. Ele aceita a definição de situação do programa, ao rir da piada, e prevê as reações dos evangélicos.

Relacionado aos dois anteriores, um quinto enquadre possível de se destacar é o que a notícia dá às reações dos internautas – e aqui lembramos as funções do enquadre a partir de Bateson. A seleção de comentários tanto incluiu um conteúdo na notícia – os comentários escolhidos para compor o texto –, como excluiu outros: por exemplo, outros comentários descontentes, comentários de evangélicos favoráveis ou indiferentes às sátiras, etc. Aqui opera a primeira função do enquadre: ser exclusivo, ao incluir certas mensagens outras são excluídas. Já a escolha de publicar o comentário favorável parece ter a função de atender ao valor jornalístico de “mostrar os dois lados” de uma controvérsia, na busca de imparcialidade. Portanto, ele pode ser entendido a partir da terceira função do enquadre: é relacionado a um sistema de premissas, no caso, de premissas do jornalismo, ou melhor, de um gênero do jornalismo que é a notícia.

O outro texto é um artigo de opinião⁹ onde Ricardo Feltrin argumenta que, com *Galinha Convertidinha*, a *Globo testa limites com deboche a evangélicos* (título no site).

“O segundo episódio da nova temporada de ‘Tá no Ar’, na última quinta-feira (19), pode ser encarado de várias formas como um marco divisório por parte da Globo: nunca um programa da emissora debochou tanto de religiões e, especialmente, da figura dos evangélicos e seus pastores.

O programa já havia mexido com religiões no ano passado, mas nunca de forma tão escrachada. A cena que certamente irá ‘causar’ no mundo gospel foi o quadro da Galinha Preta Convertidinha.

Após apresentar *Galinha Convertidinha* com alguns elementos da sátira (as crianças, o “cão pastor”, as paródias musicais), o colunista do UOL cita quais foram os quadros polêmicos na temporada anterior, os diferenciando pelo “tom”.

“Antes de mais nada, o programa mostra que a Globo segue um caminho sem volta quando realmente libera o programa de Marcelo Adnet, Marcio Melhem e Mauricio Farias para mexer com qualquer coisa, como nem mesmo no tempo de

⁹ *Globo testa limites com deboche a evangélicos*. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2015/02/20/globo-testa-limites-com-deboche-a-evangelicos.htm> Acesso em: 03 de Julho de 2015.

‘TV Pirata’. E isso está longe de ser algo ruim (lembrando sempre que este é um artigo opinativo).

No ano passado a mesma atração já havia ironizado católicos (com um rap) e os próprios umbandistas, provocando algum melindre.

A diferença, porém, está no tom, que dessa vez foi bem mais aberto (ou mais pesado).”

Ao lembrar que o texto é opinativo, portanto ao enquadrá-lo neste gênero, o autor legitima sua valoração positiva da liberação dos roteiristas do *Tá no Ar* – em contraponto à matéria que analisamos anteriormente que, por ser uma notícia, procura se legitimar a partir da premissa de imparcialidade.

O artigo de opinião continua com a pergunta se o *Tá no Ar* faria “ironias tão fortes” com padre Marcelo (“um velho parceiro da Globo”) ou com “os sempre articulados judeus”. Ele apresenta o exemplo do desenho South Park, que ridicularizou evangélicos, católicos e judeus sem maiores problemas; mas afirma que na TV brasileira “a religião é um tabu”. Portanto o *Tá no Ar* promoveu “um passo à frente da autocensura” e “não só em relação à religião”, por já ter ridicularizado outros programas e mesmo anunciantes da própria casa – como ao dizer no início do episódio aos fãs do Big Brother Brasil para não se desesperarem, porque o BBB continua passando em outro canal. Comparando a outro produto da Globo, o texto opina sobre o *Tá no Ar*:

“No passado a Globo já havia melindrado evangélicos com a polêmica série ‘Decadência’, em 1995, que levou o bispo Edir Macedo a declarar a emissora como sua inimiga figadal. Mas, dessa vez, é humor, e não há ranço (embora muita gente possa questionar o bom gosto do humor). Como será a reação?”

Uma resposta à pergunta: o deputado Marcelo Aguiar, membro da bancada evangélica no Congresso Nacional, fez representação contra a Globo por causa da *Galinha Convertidinha*, inclusive tomando por base o artigo de Ricardo Feltrin, alegando que o programa ultrapassou os limites do humor¹⁰. Percebe-se como Goffman acerta ao problematizar como os sujeitos respondem à pergunta “O que está acontecendo aqui?”, ou seja, como fazem o enquadramento. Quando o artigo de opinião da UOL, em tom apologético ao *Tá no Ar*, é usado para atacar o programa, percebemos como sujeitos

¹⁰ Deputado Marcelo Aguiar faz representação contra Globo por causa da “Galinha Convertidinha”. Disponível em: <http://noticias.gospelmais.com.br/marcelo-aguiar-representacao-contraga-linha-convertidinha-74594.html> Acesso em: 03 de Julho de 2015.

com diferentes papéis percebem, delimitam e valoram de forma diferente a mesma situação. Os posicionamentos diferentes do colunista e do deputado demonstram como os enquadres situam uma ocorrência vivida dentro de um dado contexto normativo – como afirma França – e revelam valores e traços que constituem a sociedade – de acordo com Mendonça e Simões.

5. CONCLUSÃO

Antes de respostas, as análises empreendidas aqui levantam uma série de novas perguntas. Se o *Tá no Ar* satirizou outras religiões, causando reações contrárias; por que as reações conflituosas de evangélicos com o programa tem maior visibilidade? Seria por que evangélicos reagem realmente mais? Ou estão mais organizados? Ou é por que os agentes da mídia escolhem mostrar e problematizar a indignação deles e não a de outros religiosos? Se sim, quais os motivos para isso?

O humor trabalha com estereótipos. Mas isto não fomenta o preconceito? Então por que o *Tá no Ar* goza da crítica de não fazer piadas preconceituosas, como sugerido na introdução deste artigo? E as matérias e artigos jornalísticos, ao tratarem dos evangélicos de forma homogênea – sem demonstrar as singularidades de cada um dos diferentes sujeitos e das diferentes instituições – não generalizam? Os evangélicos não são 20% da população brasileira, e, portanto, não formam um grupo grande o suficiente para abarcar uma diversidade de posicionamentos em relação aos quadros do *Tá no Ar*, inclusive a indiferença? Os quatro comentários que a matéria da *Veja São Paulo* publicou correspondem ao que pensam os evangélicos, ou a maioria deles? Aliás, podemos afirmar que os comentários foram feitos por evangélicos, já que em nenhum deles há esta identificação?

Mas afinal, o *Tá no Ar* brinca ou ultrapassa o limite da brincadeira? Qual é o limite? Quem o define? “Será isto brincadeira?” Lembramos aqui o curioso caso dos rituais de acordo de paz nas Ilhas Andaman, contados por Bateson.

“O acordo de paz é concluído depois que a cada lado é dada a liberdade cerimonial para golpear o outro. Este exemplo, entretanto, também ilustra a natureza instável do enquadre “Isto é brincadeira” ou “Isto é ritual”. A discriminação entre mapa e território é sempre passível de se anular, e os golpes

rituais usados no restabelecimento da paz podem, a qualquer momento, se confundido com golpes “reais” de combate. Nesses casos, a cerimônia de paz se transforma em batalha.” (BATESON, 2002, p. 92).

No contexto da nossa sociedade, parece que as polêmicas entre evangélicos e o *Tá no Ar* estão inseridas numa controvérsia ainda maior e mais complexa, que dá forma ao jogo de enquadres “será isto brincadeira?": a liberdade de expressão contra o limite do humor. Nesta controvérsia se situa uma relação conflituosa dos humoristas não só com os religiosos, mas também grupos e sujeitos militantes dos direitos humanos – no caso do *Tá no Ar*, o quadro *Escravas Bahia*, paródia dos comerciais das lojas Casas Bahia, foi acusado de ser racista¹¹. É também nela, na controvérsia, que estão englobadas outras tantas situações, algumas dramáticas, no Brasil e no mundo: a demissão do humorista Rafinha Bastos do CQC, o processo do pastor Marco Feliciano contra o portal Porta dos Fundos, o atentado contra os jornalistas do Charlie Hebdo.

Seguimos com o desafio de tentar responder às perguntas levantadas e entender a controvérsia. E os enquadramentos parecem uma boa ferramenta metodológica para tal.

REFERÊNCIAS

BATESON, Gregory. **Uma teoria sobre brincadeira e fantasia**. In RIBEIRO, B., GARCEZ, P. (org). Sociolinguística interacional. São Paulo: Loyola, 2002.

BELCHIOR, Negro. **Rede Globo: O racismo “Tá no Ar” ou “Quer acoitar quantos?”**. Carta Capital. Disponível em: <http://negobelchior.cartacapital.com.br/2015/02/14/rede-globo-o-racismo-ta-no-ar-ou-quer-acoitar-quantos/> Acesso em: 03 julho 2015. Publicado em: 14 fevereiro 2015.

BRIGLIA, Tcharly Magalhães. **O astro de uma nova geração de humoristas**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/o-astro-de-uma-nova-geracao-de-humoristas/> Acesso em: 03 julho 2015. Publicado em: 06 abril 2015.

CHAGAS, Tiago. **Deputado Marcelo Aguiar faz representação contra Globo por causa da “Galinha Convertidinha”**. Notícias Gospel. Disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/marcelo-aguiar-representacao-contra-galinha-convertidinha-74594.html> Acesso em: 03 julho 2015. Publicado em: 23 fevereiro 2015.

FELTRIN, Ricardo. **Globo testa limites com deboche a evangélicos**. UOL. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2015/02/20/globo-testa-limites-com-deboche-a-evangelicos.htm> Acesso em: 03 julho 2015. Publicado em: 20 fevereiro 2015.

¹¹ *Rede Globo: O racismo “Tá no Ar” ou “Quer acoitar quantos?”*. Disponível em: <http://negobelchior.cartacapital.com.br/2015/02/14/rede-globo-o-racismo-ta-no-ar-ou-quer-acoitar-quantos/> Acesso em: 03 de Julho de 2015.

FRANÇA, Vera. **A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade.** In FRANÇA, V., CORRÊA, L. (org). Mídia, instituições e valores. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático.** Trabalho apresentado no VI SOPCOM, Lisboa. 2009.

G1. **Tá no Ar: a TV na TV apresenta novo seriado: Crentes.** Disponível em: <http://globov.globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/ta-no-ar-a-tv-na-tv-apresenta-novo-seriado-crentes/3364906/> Acesso em: 01 julho 2015.

_____. **Tá no Ar - Galinha Preta Pintadinha encontrou Jesus?** Disponível em: <http://globov.globo.com/rede-globo/ta-no-ar-a-tv-na-tv/v/ta-no-ar-galinha-preta-pintadinha-encontrou-jesus/3979676/> Acesso em: 01 julho 2015.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social.** Petrópolis: Vozes, 2012.

GOMES, Itânia. **Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero.** Porto Alegre: Revista Famecos, v. 18, n. 1, jan./abr. 2011. p. 111-130.

HUTCHEON, L. **A theory of parody. The teachings of twentieth-century art forms.** Londres: Methuen, 1985.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Os método – dos meios às mediações.** In Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 261-333.

MENDONÇA, Ricardo; SIMÕES, Paula. **Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, p. 187-201, 2012.

PEREIRA, Leonardo. **A TV em pânico: o enquadramento das celebridades pelo Pânico na TV.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SIMMEL, Georg. **A natureza sociológica do conflito.** In: MORAIS FILHO, Evaristo. (Org). Simmel. São Paulo: Ática. 1983a. p. 122-134.

_____. **Conflito e Estrutura de Grupo.** MORAIS FILHO, Evaristo. (Org). Simmel. São Paulo: Ática. 1983b. p. 150-164.

_____. **Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal.** In: MORAIS FILHO, Evaristo. (Org). Simmel. São Paulo: Ática. 1983c. p. 165-181.

VEJA SP. **Evangélicos se irritam com paródia de “Friends” no programa “Tá no Ar”, de Marcelo Adnet.** Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2014/05/23/evangelicos-se-irritam-com-parodia-friends-crentes-marcelo-adnet/> Acesso em: 03 julho 2015. Publicado em: 23 maio 2015.

VIEIRA, Vanrochris. **Vivendo no Front: discursos acionados por sujeitos na fronteira entre perspectivas LGBTs e Evangélicas.** Belo Horizonte: UFMG, 2015.